

BENTO GONÇALVES (RS – BRASIL): GEOGRAFIAS DE UM LOCAL EM MOVIMENTO

Morgana Trevizan

Jonas Rossatto

moghi2004@gmail.com

jorossatto@yahoo.com.br

Universidade de Caxias do Sul - UCS

RESUMO

O espaço geográfico é definido por Santos (2008) como sendo “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina”, por comportar as amálgamas da sociedade, é diverso em sua estrutura e permite uma disposição tão diversificada quanto. Sua paisagem, desta forma, é modelada pelos atores sociais e é possível de ser interpretada, claramente, acompanhando o ponto de vista do observador. Como Suertegaray e Guasselli (2004) mencionaram, é preciso analisar a paisagem sob a perspectiva não apenas sendo “a forma, a configuração” e sim sendo como “resultado de processos não visíveis, mas possíveis de serem inferidos”.

O foco de nosso trabalho é uma região, primeiramente conhecida como Cruzinha devido a uma cruz cravada sobre a sepultura de um possível tropeiro. O processo de povoamento intensificou-se com a chegada dos imigrantes italianos que deixaram sua pátria devido ao momento histórico vivido pela Itália que os obrigou a buscarem uma vida digna em outro local e fundaram então a Colônia Dona Isabel, onde atualmente encontra-se Bento Gonçalves (RS – Brasil). De acordo com Rossatto *et alii*, citando IBGE (1986), “a vegetação original era composta pela Floresta Ombrófila Mista (com bosques de araucária nos topos) e pela Floresta Estacional Decidual, nas áreas escarpadas do planalto”. Logo, esta paisagem sofreu transformações e iniciaram-se as bases deste município. Com o passar dos anos, a localidade foi adquirindo especificidades, indo da agricultura de subsistência, passando pela agricultura moderna (porém com grande presença da força braçal familiar) e, além disso, tornando-se pólo moveleiro da região sul do país, destacando-se também o setor vitivinícola, metalúrgico, de transportes e fruticulturas. A população do município em 1950 era de 22.600 habitantes e atualmente possui mais de 100 mil habitantes. Tamanho crescimento dá-se devido à oferta de empregos, que atrai pessoas dos mais diferentes locais, próximos ou distantes geograficamente. Todas estas transformações comportam vários outros ramais que se interligam, como a pluralidade cultural manifestada inclusive em instituições como Centros de Tradições Gaúchas; Grupos Afros, Italianos, Poloneses; Escoteiros, dentre outros, que aceitam qualquer pessoa que tenha interesse, comprometimento e participe para conhecer e adotar como sua esta manifestação cultural. Todavia, apesar de serem criados a partir de um ideal no qual o resgate do vivido no passado é o foco maior das atenções, as manifestações destes grupos perpassam pelas veias do capitalismo, ou seja, criam-se necessidades de consumo e produção. Assim, o setor de comércio e serviços é impulsionado ao crescimento e desenvolvimento ampliando cada

vez mais a oferta diversificada de produtos, devido inclusive ao aumento do poder de compra da população.

A partir das pesquisas do passado e das (re) construções do espaço atual, sob o ponto de vista geográfico, elaboramos uma análise histórico-geográfica-cultural onde abordamos as influências culturais sobre as modificações do espaço. Analisamos as adaptações a que o local se submete para suportar as transformações impostas pelo capitalismo / progresso a partir de busca realizada nos meios de comunicação locais, no museu da cidade e órgãos culturais.

Nossos objetivos, a partir desta análise, foram de observar a inserção do município de Bento Gonçalves (RS) no contexto global, assim como também suas implicações diante do fato.

Sendo assim, observa-se a inserção de Bento Gonçalves na era global, ou seja, o município torna-se cada vez mais uma manifestação do meio técnico-científico-informacional, percebido também nas crescentes modificações da estrutura da cidade, interligadas por tecnologias, que as interconectam com o mundo.

No entanto, destacamos alguns problemas decorrentes ou não deste processo de globalização, como por exemplo, as limitações de expansão horizontal, a baixa oferta de espaços para a vinda de empresas de grande porte e a linha de pobreza que envolve alguns bairros periféricos. Bento Gonçalves é considerada a 8ª maior economia do Rio Grande do Sul, está entre as cidades que mais atrai empreendedores, contudo, dentre os problemas acima elencados e outros que foram desenvolvidos no trabalho, é possível ter qualidade de vida? Aliás, destaca-se também com altos índices de desenvolvimento humano, expectativa de vida etc., concluímos que isso não cabe a todos seus habitantes.

Um trabalho com um aprofundado olhar crítico sobre as diversas formas de ocupação do espaço geográfico bento-gonçalvese nos deixa como lição o respeito às diversas formas de expressões culturais, ao meio ambiente, ao crescimento, contudo principalmente, à valorização daquilo que se construiu até o presente. A história está no espaço e este influencia, sem dúvidas, na existência e, portanto, (re) formulação / construção da história.

INTRODUÇÃO

A agilidade que envolve as formas de (re)produção social no tempo presente nunca foi tão intensa a ponto de unir em milésimos de segundos os mais remotos recantos. O homem desfruta de suas invenções e/ou construções, muitas vezes como forma de garantir sua reprodução vital, mas também de impor suas crenças. Se antes o meio mais veloz perfazia 16 km/h, hoje é possível viajar a mais de 1000 km/h, como Harvey (2005) aponta. Buscando referências em Milton Santos, podemos fazer uma analogia com o que este autor chamou de “tempo lento”. Bento Gonçalves nos seus primórdios, com a colonização européia, essencialmente a italiana, detinha sua renda e sobrevivência a partir do cultivo agrícola familiar, em pequenas propriedades. O comércio se dava entre as pessoas e não entre empresas, como declarações de moradores antigos, por exemplo, para obter uma saca de farinha de trigo, levava-se um outro produto primário. O tempo atual, tempo rápido, se renova através do capitalismo.

HISTÓRICO

O momento vivenciado pela Europa em fins do século XIX não foi animador para quem lá habitava, porém se não houvesse ele, nossa região, em especial Bento Gonçalves, talvez não estivesse com o desenvolvimento atual e propenso a cada vez

mais, de acordo com o que demonstraremos a seguir, se desenvolver e prosseguir sua ‘caminhada’ em direção à conexão global.

A expansão capitalista, através da Revolução Industrial, onde “as estruturas econômicas mundiais sofrem modificações principalmente em relação aos meios de produção” (CAPRARA e LUCHESE, 2005, pág. 179) é apresentada, também, como fator da imigração européia. Segundo as mesmas autoras,

o desenvolvimento da industrialização na Europa e a necessidade de novos mercados consumidores e o excedente de mão-de-obra pelo abandono das terras daqueles que não as possuíam e que com o crescimento da indústria estes ficaram à margem, pois não possuíam qualificação para atender a demanda necessária para atuar na fábrica” (idem).

Na mesma citação, porém a partir do trabalho de Giron (1996), as historiadoras concordam na ideia de que “ao problema social soma-se o econômico e o político. As máquinas que, em parte, aumentaram os capitais da burguesia, e, em parte, desalojaram os operários de suas ocupações, garantiram a expansão em direção à América” (idem, pág. 179).

O Brasil investia em propagandas apresentando-se como terra promissora, de facilidades e enriquecimentos prósperos para que os italianos se interessassem pelo país, pois na Itália ocorria uma forte crise decorrente de diversos fatores como: a falta de sentimento de patriotismo; os conflitos em busca da unificação das diversas etnias, recrutando muitos homens ao duro serviço militar; a Itália era basicamente agrícola, de subsistência; possuía alta taxa de natalidade a qual não disponibilizaria abrigo para novas gerações; e, um determinante motivo era que o poder de propriedade de terras para agricultura era restrito a uma minoria, sendo que aqueles que não a possuíam sabiam que nunca teriam a posse de terra.

Os italianos chegaram ao Brasil a partir de 1875 sendo que, até 1914 somavam cerca de um milhão de imigrantes. Sua chegada à capital do estado do Rio Grande do Sul se deu após longos dias de viagem em navios cargueiros sobrecarregados com diversos casos de doenças, acidentes e mortes. Prosseguiram por meio de embarcações até o vale do rio Caí, desembarcando nos municípios de Montenegro e São Sebastião do Caí e a partir destes seguiram viagem através da estrada de chão por meio de charretes, carroças ou até mesmo a pé em direção às colônias de Dona Isabel (Bento Gonçalves), Conde D’eu (Garibaldi), Alfredo Chaves (Veranópolis) e Campo dos Bugres (Caxias do Sul), isto para citar apenas algumas colônias.

Ao contrário do modelo de exploração, ocorrido nas regiões Nordeste e Sudeste brasileiras, os imigrantes italianos que se instalaram na região Sul, especificamente no estado do Rio Grande do Sul, na hoje conhecida Serra Gaúcha (porção norte do Rio Grande do Sul), vieram com o intuito de colonizar as imensas áreas de mata ainda intactas. Isto é, produzir riquezas nestas terras. A entrega de lotes aos imigrantes se deu de maneira lenta, com crédito para que os mesmos pagassem conforme produziam. Foram-lhes prometidos sementes e instrumentos de trabalho que mais tarde foram cessados. Quando iniciaram o povoamento precisaram desbravar a mata, a qual, de acordo com Rossatto et alii, citando IBGE (1986), “era composta pela Floresta Ombrófila Mista (com bosques de araucária nos topos) e pela Floresta Estacional Decidual, nas áreas escarpadas do planalto”. Construíram habitações precárias, pois precisavam de um abrigo para se proteger de animais silvestres e ferozes, nativos da região. Os produtos cultivados eram milho, feijão, trigo, cevada, batata, etc. que eram, em sua maior parte, comercializados entre as pessoas servindo como produto de troca e, para as vendas maiores, eram transportados por carreteiros (os chamados tropeiros), que

percorriam longos e penosos caminhos, até Montenegro. Por exemplo, de Veranópolis para Bento Gonçalves, levavam cerca de dois dias, percurso que hoje se faz em torno de uma hora. Os povoadores acreditavam receber áreas para o cultivo em planícies extensas, no entanto, o que encontraram foi uma região de vales muito acidentada com grandes escarpas, impossibilitando diversos cultivos e fazendo com que adaptassem culturas perenes como a videira, que era inclusive característica da sua cultura.

BENTO GONÇALVES

Após leituras de diferentes autores que apontam seus estudos em direção à imigração italiana para o Rio Grande do Sul, verificamos que há oposições no que tange ao desenvolvimento da região de colonização. Olívio Manfroi (1975) ressalta a importância e o significado da “contribuição italiana na ocupação e no desenvolvimento da orla meridional do Planalto que, 1875, era ainda um muro verde e abrupto separando a capital da região norte do Estado” (pág. 70). Já Octávio Ianni (1979) contesta a ideia de que foram os imigrantes italianos os responsáveis ao engrandecimento da mesma região, afirmando que houve a necessidade de haver mercados consumidores externos para que a produção aumentasse e/ou se mantivesse. Com suas próprias palavras, “é algo que está inserido no processo econômico da sociedade nacional” (pág. 92). Chegamos à conclusão de que os dois autores têm razão no que expuseram, onde sem os imigrantes italianos a terra não haveria frutificado e nem sem o mercado consumidor não teria se desenvolvido.

A geografia da colônia foi assim descrita, conforme De Boni (1985) *apud* Caprara e Luchese (2005), “(...) Estas colônias contam apenas um ano de existência. Suas terras são muito férteis e próprias para o cultivo do trigo, do centeio, do milho, pois encontram-se em elevada altitude.”

O Intendente municipal, no seu relatório aos conselheiros municipais referente ao ano de 1909, declara o progresso de Bento Gonçalves, onde

a lavoura do município tem sido nestes últimos anos auspiciosa, tendo sua produção excedido a dos anos anteriores, trazendo o bem estar e a alegria aos colonos, que gozam de todo o conforto. As indústrias também se têm desenvolvido com certo incremento, contando hoje o município com diversas fábricas de vinho, sendo três em grande escala e com aparelhos aperfeiçoados, e quatro em menor escala, além de outras que serão estabelecidas em diversos pontos. Além da indústria vinícola aperfeiçoada, temos as fábricas de queijo, imitação Parmesão (...) e outras indústrias de preparados de carnes de porco, presunto e salames, verdadeiras alavancas do progresso e desenvolvimento deste município (*in* Caprara e Luchese (2005) p. 117).

Nos relatórios subsequentes, o Intendente faz estimas à próspera situação econômica do município, relevando o valor das indústrias, do comércio e da agricultura que convergem ao movimento de capitais. No início do século passado os colonos já sabiam que o vinho se tornaria uma mercadoria muito valiosa. De acordo com Caprara e Luchese (2005),

o crescimento econômico da colônia de Bento Gonçalves deve-se principalmente à necessidade de sobrevivência do colono italiano que sonha ser proprietário, portanto o trabalho era gratificante apesar das dificuldades encontradas pela localização das propriedades (p. 183).

No Relatório de 1913 e seguintes, reproduzidos por Caprara e Luchese (2005), o Intendente do município de Bento Gonçalves, Antônio Joaquim Marques de Carvalho

Júnior, já apresentava propostas com vistas ao melhoramento da iluminação pública, que até então se dava por lampiões a querosene, através da construção de hidroelétricas tendo em vista o potencial em cascatas da região. O mesmo afirma que, além da iluminação urbana, a hidroeletricidade serviria ao desenvolvimento do município ao tornar mais fácil o prosseguimento de indústrias e fábricas. (pág. 128 em diante). Das historiadoras supracitadas, a publicação de alguns dos relatórios por parte dos intendentes, demonstra o progresso também através da expansão da linha telefônica com o meio rural, através de seus distritos, bem como aos municípios vizinhos. Os meios de comunicação eram imprescindíveis à evolução do município. A chegada da estrada de ferro também é motivo de registro naqueles relatórios, o que viria a facilitar o escoamento da produção a mercados consumidores mais distantes, antes feita através dos tropeiros. A evolução do ensino público e privado no município não deixou de ser mencionada, especialmente para “nacionalizar” as crianças, uma vez que falavam a língua materna de seus pais.

Os imigrantes italianos modificaram a paisagem, inserindo ofícios, casas de negócios, a estrada de ferro, linhas telefônicas, (re) construíram estradas para o escoamento da produção junto a mercados consumidores do estado, país e até mesmo do exterior, o que tem originado no desenvolvimento econômico e se tornado a base para o que hoje encontramos. Caprara e Luchese bem expõem referente a isso onde

Bento Gonçalves hoje industrial tem no passado as origens na terra, no cultivo da parreira, na consolidação dos ofícios e negócios necessários ao desenvolvimento. Pensar nas habilidades dos colonos em transformar o quase nada em riqueza, visão do empreendedorismo deste imigrante que recebe um lote coberto de mato e com trabalho muda o cenário, este foi grande desafio do colono com o desenvolvimento do município, hoje referencial econômico em todo o Estado (2005, p. 278).

Os imigrantes muito sofreram, no entanto, hoje observamos uma próspera paisagem, regada de muito desenvolvimento sócio, político, econômico e cultural, onde destacaremos o município de Bento Gonçalves, antiga colônia Dona Isabel, do qual salientaremos as vantagens e desvantagens do sistema capitalista onde estamos inseridos. Como Suertegaray e Guasselli (2004) mencionaram, é preciso analisar a paisagem sob a perspectiva não apenas sendo “a forma, a configuração” e sim sendo como “resultado de processos não visíveis, mas possíveis de serem inferidos”. Portanto, iremos em busca do que torna a paisagem como a vemos hoje.

Na época do povoamento, até bem pouco tempo atrás, conforme relato de descendentes de imigrantes, a produção servia basicamente para subsistência e algumas trocas. A Sra. Zaida Cechin Rossatto conta que muitas vezes ia a pé ou a cavalo levar uma saca de trigo em troca de uma determinada quantia em farinha; também relata que se produzia tudo na propriedade da família, como o arroz, trigo, soja, milho e feijão. Como a região é muito escarpada, adaptaram o cultivo da videira que era tradição de família na Itália, perpassando esta ideia à prole. Hoje, a área rural está tomada por parreirais que, conforme Falcade (2006), os plátanos em sustentação ao cultivo, o qual já não mais existe no local, o torna um “sítio arqueológico vivo”. A agricultura de subsistência ainda tem lugar, mas não é a que domina neste espaço geográfico. Hoje encontramos a presença maciça de videiras onde, na maior parte das vezes, utiliza a força braçal familiar, mas já com a presença de insumos, como tratamentos químicos e máquinas agrícolas. Desta forma, foi adquirindo especificidades com relação à produção de bens, inserindo a agricultura moderna na produção vitivinícola, tornando-se, além disso, pólo moveleiro da região Sul do Brasil, tendo ainda destaque à metalurgia, aos transportes e fruticultura.

Um ponto que não pode deixar de ser destacado refere-se ao desenvolvimento como um todo da parte Norte gaúcha, a partir da 2ª Guerra Mundial e a arrefecimento da parte Sul, antiga criadora de gado e produtora de charque. O modo de produção em minifúndios adotado pelos colonizadores modificou esta visibilidade, conforme De Boni e Costa (1984) “de subsidiária, a economia da colonização passou a dominante”.

Nosso principal enfoque tange à questão urbana do município de Bento Gonçalves, contudo é impossível deixar de analisar o rural, não pelo capitalismo o ter penetrado, mas por ser a origem do urbano. A paisagem urbana se analisada com um enfoque crítico, portanto mais aprofundado e não superficial, demonstrará o que está por trás de sua (des)organização. Os agentes modeladores do espaço são aqueles que de uma forma ou outra ditam como se desenvolverá a vida do município, dos quais podemos citar o poder público, o privado, a população (sem sombras de dúvidas em ínfima escala), a igreja (que no caso aqui estudado é, principalmente, a Igreja Católica), instituições e, principalmente, que também não é excluído dos citados anteriormente, o capitalismo. Sob um ponto de vista, podemos afirmar que o capitalismo traz benefícios à população, como a obtenção de produtos importados, já sob outro olhar, a sociedade que não satisfaz a vontade do mesmo, permanece isolada e é discriminizada, vivendo em situações precárias.

A partir da professora Ana Fani Alessandri Carlos, afirmamos que as relações que os homens têm entre si se dão num determinado espaço, isto quer dizer, influenciam e, ao mesmo tempo, são influenciadas (pelo mesmo) afim de concretizar os desejos e ações humanos. Ela classifica o acima exposto como “prática sócio-espacial” definindo-a como o “modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação” (CARLOS, 2004, p. 07). Por tratar-se de uma autora tipicamente urbana, não incluiu o rural nesta definição, o que achamos útil torná-lo digno do mesmo conceito. O espaço se torna “condição, meio e produto da ação humana” (*idem*). Na mesma direção do nosso pensamento com relação ao uso do espaço urbano e suas funções, a autora menciona que

este sentido aponta a superação da ideia de cidade considerada como simples localização dos fenômenos (da indústria, por exemplo), para revelá-la na condição de sentido da vida humana em todas as suas dimensões, - de um lado enquanto acumulação de tempos, mas de outro enquanto possibilidade sempre renovada de realização da vida (CARLOS, 2004, p. 07).

Muito se tem falado em *espaço-tempo*, onde um dinamiza o outro e vice-versa no tocante à composição do espaço geográfico. Milton Santos, o mestre da geografia brasileira, define-o como sendo

um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (2008, p. 63).

Desta forma, podemos dizer que a dupla *espaço-tempo* não pode ser pesquisada e analisada separadamente, uma vez que sem o tempo o espaço não é nada e da mesma forma o contrário. A análise destas categorias nos permitiu visualizar e compreender as transformações no espaço geográfico bento-gonçalvenses. Após compreendermos a forma de ocupação da terra no objeto de estudo deste trabalho (ver histórico), partimos em busca da análise espacial e verificação dos meios que contribuem para que o mesmo

apresente as contradições como o crescimento da área imobiliária e a evolução das periferias. Tudo isso na chamada pós-modernidade, onde Harvey (2005) afirma estarmos vivendo num caos. Por suas próprias palavras “como legítima reação à ‘monotonia’ da visão de mundo do modernismo universal”.

Um jornal de notícias do município aponta o mesmo na 8ª colocação no ranking dos maiores produtos internos brutos (PIBs), o que destaca suas potencialidades perante os demais municípios gaúchos. Bento Gonçalves, com suas indústrias vinícola, moveleira e metalúrgica, supera vários outros municípios com, até mesmo, maior número de habitantes, gerando muitos empregos. Além do mais, desperta interesse do empresariado, principalmente, a partir dos setores moveleiro, vitivinícola e turístico. Isto demonstra o enorme potencial de desenvolvimento que apresenta, além da atração de diversas empresas e setores da economia. Um exemplo disso é a vinda de duas redes de supermercados apenas no ano de 2008 (IMEC, com sede em Lajeado e NACIONAL – pertencente à norte-americana Wal-Mart – Porto Alegre, ambas cidades gaúchas). Portanto, a concorrência, como sinal de progresso e competição do sistema capitalista, cresce cada vez mais.

O espaço aqui analisado, bem como qualquer espaço do mundo, envolve os planos econômico, político e social onde a produção do capital está ligada ao interesse privado, sendo que o espaço é dominado pelo Estado, através de suas leis e, por fim, quem atua tendo sempre que observar estes preceitos são todos os homens. Um exemplo muito claro é a disputa entre setor imobiliário e Plano Diretor, onde nas Áreas de Preservação Permanente (APPs) de um arroio localizado na bacia de captação de água para abastecimento da população, deseja-se a construção de casas. Apesar de estar indo contra a lei federal, a câmara dos vereadores do município aprovou em primeira instância a ocupação daquelas áreas, sendo que posteriormente o prefeito percebeu a ilegalidade do fato.

O Plano Diretor de Bento Gonçalves foi alvo, mais uma vez, de críticas por parte da população de um bairro, no qual uma rua teve seu zoneamento modificado a fim de possibilitar a construção de edificações de até 14 pavimentos. No município, não há espaços, praticamente, para a ampliação urbana horizontalmente, o que faz com que cresçam os empreendimentos verticalmente, principalmente no entorno da área central. O declive acentuado é o principal fator, que também não permite a vinda de maiores empresas para sua instalação e conseqüente geração de empregos e contribuição fiscal ao município. Realmente, este fator impossibilita diversos projetos e prejudica sua infraestrutura.

O homem identifica-se com determinadas atividades locais, como os Centros de Tradições Gaúchas (CTG's), grupos afros dentre outros, porém não se vê encarcerado ao mundo exterior e sim, acaba reproduzindo este mundo exterior através da sociedade local. Além da cultura, a religião também evoca o mesmo pensamento. A paisagem bento-gonçalvense está intimamente ligada à religião católica, como dito anteriormente, seja nos próprios rituais ao longo do ano, seja em formas de prosseguir e resguardar a confissão católica. Apesar disso vê-se, claramente, a expansão das igrejas evangélicas.

No início do povoamento o Intendente Municipal Antônio Joaquim Marques de Carvalho Júnior afirmava que não havia qualquer sinal de conflitos com mortes, o que demonstrava, segundo ele, a afabilidade do povo bento-gonçalvense. Este tempo passou e o crescimento da população aumentou, recebendo pessoas de todas as partes do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil, vindas com vistas ao potencial empregador das indústrias, comércio e serviço aqui instalados. Contudo, o que não sabiam é que o mercado de trabalho exigia qualificações para os cargos o que fez com que muitas pessoas acabassem na periferia de Bento Gonçalves, se envolvendo na criminalidade e

violências. O que diferencia a periferia do objeto de estudo em questão é que encontra-se em boas condições de infraestrutura, como ruas calçadas, apesar de muitas serem estreitas, coleta seletiva de lixo, transporte urbano, energia elétrica. O principal ponto que deixa a desejar, mas não apenas na periferia e sim em todo o município, é o tratamento de esgoto que não é feito em parte alguma.

Por falar neste assunto, é preciso mencionar a questão ambiental. Apesar de haver cidades maiores que Bento Gonçalves, a exemplo de Passo Fundo (Norte gaúcho), onde não há coleta seletiva de lixo, por exemplo, é preciso tomar cuidados e prevenir maiores catástrofes. Contudo, percebemos que este pensamento não faz parte, na prática, de muitas empresas que acabam por despejar seus dejetos em arroios e córregos. Um jornal aponta uma pesquisa¹ onde Bento Gonçalves está na 9ª colocação no quesito potencial poluidor. Portanto, percebemos que ao mesmo tempo em que se encontra na 8ª colocação do PIB, também vem à tona o outro lado do desenvolvimento, ou seja, a poluição, inevitável, mas que pode ser minimizada caso o poder público, juntamente com a iniciativa privada e população tomem nota da prioridade cujo ambiente deve ser tratado para que as gerações próximas não sejam prejudicadas.

Bento Gonçalves cresceu rapidamente e não foi planejada, o que explica o caos que ocorre no trânsito principalmente no centro, onde temos ruas estreitas, ocasionando transtornos e congestionamentos nos horários de pico. Há pouco tempo, foi tema de estudos, contratados pela prefeitura, para dar soluções ao trânsito. O estudo apontou como soluções

o alargamento das calçadas e a retirada do estacionamento das Rua Julio de Castilhos e Saldanha Marinho, as principais da área central, o tráfego fluiria melhor. Outra mudança é que pelo menos cinco ruas deveriam ter sentido único e não trânsito em duas mãos como ocorre hoje. Uma delas seria a Rua José Mário Mônaco, que passa em frente ao Hospital Tacchini e é estreita para o tráfego atual, que conta com uma frota de 50 mil veículos (Guia Bento – On-Line – 2008).

Um fator que destaca muito o município dos demais do estado e do próprio país é o potencial turístico, que atrai muitos visitantes, movimentando os setores da economia. Recentemente foi classificado entre os três destinos indutores do turismo no estado, juntamente com Porto Alegre e Gramado. A construção de um novo hotel de alta qualidade, com respaldo de uma companhia de viagens e turismo, projeta ainda mais o potencial de desenvolvimento da economia e os benefícios que o capital trará para o município.

Ana Fani Alessandri Carlos, fazendo referência ao filme Avalon (1992),

vai revelando a nossa condição de ser neste mundo urbano invadido pelas estratégias da reprodução do capital que se realiza, realizando-se no espaço por ele produzido. Um processo de constituição de uma sociedade marcada pelo distanciamento do homem com o outro através da dissolução das relações sociais no seio da família, seu distanciamento da natureza, o fim das relações de vizinhança, o esfacelamento das relações familiares, a mudança das relações dos homens com os objetos, a perda do conteúdo do trabalho (CARLOS, 2004, p. 61-62).

¹ Pesquisa realizada pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), apresentando os Indicadores de Potencial Poluidor da Indústria (INPP-I) nos municípios do Rio Grande do Sul. O jornal referente é o SerraNossa, de 06/02/2009.

Desta forma, ao mesmo tempo em que há a interconexão com o mundo, através dos meios de comunicação de massa, em especial a internet, facilitando o escoamento da produção e de informações, bem como da cultura e todos os pontos constituintes da sociedade, as relações pessoais no nível local acabam por se dissolverem. O homem, em contradição com a ligação com os mais longínquos cantos, se torna um ser frio, que não conhece nem mesmo quem mora no apartamento da frente. As relações sociais são subjugadas às relações capitalistas. A autora complementa, afirmando que

por outro lado o processo de fragmentação no processo de produção espacial se realiza no nível do cotidiano onde emerge a vitória do valor de uso sobre o valor de troca. O que significa que a construção da cidade revela sua condição de mercadoria. O espaço entra cada vez mais na troca à medida que áreas antes desocupadas entram no circuito da troca ocupadas por novas indústrias como a do turismo e lazer. Assiste-se, na tela, ao rompimento do modo de vida tradicional e, com isso, a unidade profunda que estava na base das antigas relações. Agora, as mercadorias substituem os vínculos entre as pessoas e a mídia vai produzindo a não-comunicação num mundo em que se exalta as virtudes da comunicação e onde cada vez mais produz-se produtos imateriais (como a informação e os serviços), apontando para a fetichização da comunicação (*idem*).

Apesar do custo de vida ser alto, as cadeias produtivas, com seus comércios e serviços, tendem a crescer cada vez mais, com a incorporação de empresas, oferta de melhores produtos com os menores preços. Se andarmos nas ruas da cidade, verificaremos que o desfrute de bens e serviços é pauta para as calçadas que mais parecem ‘escadas rolantes’ de um shopping center, levando as pessoas às portas das lojas, sendo inebriadas pelas vitrines repletas de propagandas e ofertas. A mercadoria torna-se uma prisão ao cidadão, uma vez que não pode escapar do valor que a mesma adquiriu a partir da Revolução Industrial.

O espaço construído da cidade não escapa do valor de uso, onde a paisagem edificada há um século acaba sendo reconstituída pelos novos meios de produção do capital, destruindo casarões centenários e colocando prédios aos céus. Relato do único hospital da cidade, afirmando que não há espaço para construção horizontal, tendo que prever a construção de um prédio de 8 a 10 andares para o suprimento das necessidades do município. Isto demonstra a verticalização a que a cidade em voga está passando. Porém, ainda verificamos a coexistência de diversas idades nos concretos urbanos, isto é, a acumulação de tempos no espaço geográfico bento-gonçalvenses. É preciso verificar os tempos a que os espaços atuais passaram a fim de que se possa chegar a prévias conclusões, com todas as relações possíveis de se estabelecer.

CONCLUSÃO

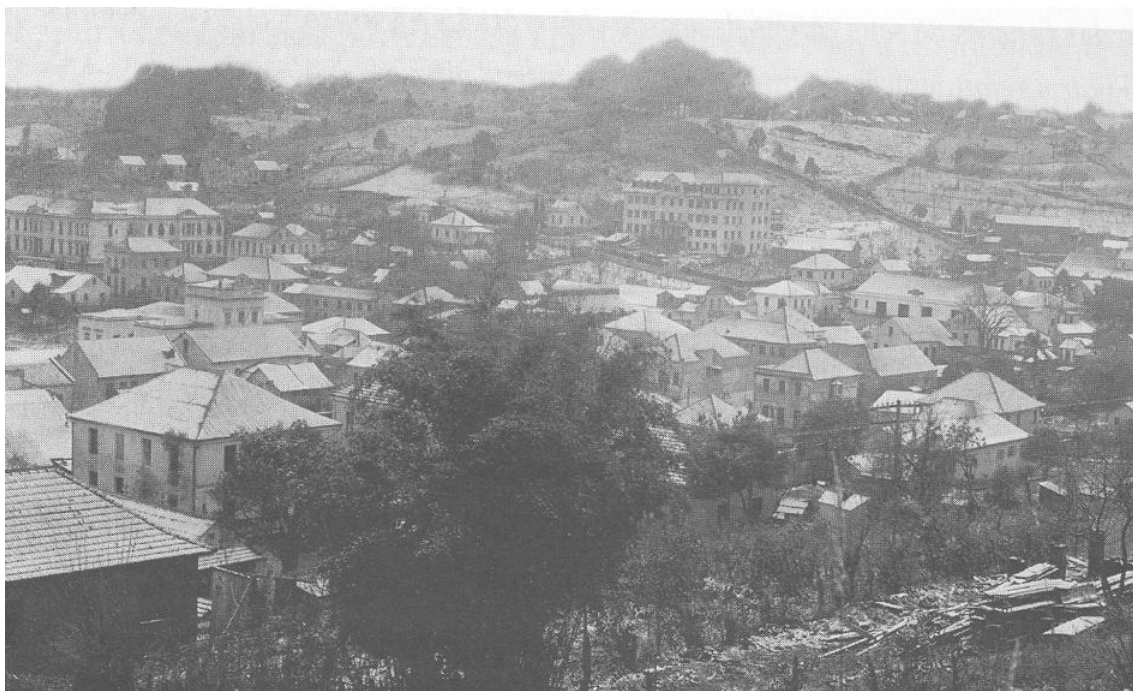
As cidades, a exemplo de Bento Gonçalves, acabam sendo um quebra-cabeça. O jogo político define as regras, levando em consideração o principal jogador, isto é, o poder econômico, aqui taxado de capitalista onde, sem a ajuda da sociedade, o jogo não se completa. As cartas do jogo são compostas pelo setor imobiliário, industrial, de serviços, de comércio, de cultura, de lazer, educação, igrejas... É assim que Bento

Gonçalves se torna digno de compor o mundo, permeado por todas as relações, interconectado com o planeta.

Bento Gonçalves é um fragmento do espaço em que podemos analisar a sociedade moderna, isto é, faz parte da mundialidade. Podemos perceber as nuances históricas incrustadas na paisagem, bem como suas tradições, em contradição com a chegada do mundial, aquele que traz o que é novo, tudo a serviço do capitalismo. Conforme Ana Fani Alessandri Carlos,

o lugar permitiria desvendar a sociedade atual na medida em que aponta para a globalidade. Enquanto parcela do espaço, enquanto construção social, o lugar abre perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que exercem em todos os níveis (2002, p. 303).

Como em grande parte das cidades, a população rica busca distanciar-se das áreas centrais, indo a áreas mais calmas e ‘livres’ da poluição. Como Harvey falou e foi expresso anteriormente, o urbano encontra-se caótico, ou seja, problemas na infraestrutura (saneamento, circulação, energia elétrica, poluição, falta de espaço para lazer), relações humanas. Isto é, são as condições e/ou contradições da era pós-moderna. Bento Gonçalves é um município próspero que possui poderes público e privado ativos que buscam, a partir da lei máxima do capitalismo, tornar este lugar cada vez mais desenvolvido e atrativo. Assim como “a condição pós-moderna”, nosso trabalho não tem objetivo de ser esgotável no que tange às questões acima referidas, mas sim aprofundar os olhares sobre Bento Gonçalves.



Bento Gonçalves em fins da década de 1920.



Bento Gonçalves em meados de 2006, comprovando a verticalização.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, T. de. **Italiano e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.

BONI, L. A. De e COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** 3ª Ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia. Caxias do Sul: Correio Riograndense, Universidade de Caxias do Sul, 1984.

CAPRARA, B. S. e LUCHESE, T. A. **Da Colônia Dona Isabel ao Município de Bento Gonçalves 1875 a 1930.** Bento Gonçalves: VISOGRAF, Porto Alegre: CORAG – Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, R. *Et alii.* **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1974.

FALCADE, Ivanira & MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Transformações no Vale dos Vinhedos: dinâmicas urbanas no rural? In: Anais [recurso eletrônico] / 1. Simpósio Nacional o Rural e o Urbano no Brasil / organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. – São Paulo : DG-FFLCH-USP / DG-UFRGS, 2006. 1 CD-ROM.

FROSI, V. M. e MIORANZA, C. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade Ítalo-Brasileira.** Editora Movimento: Porto Alegre. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, 1975.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

JORNAL GAZETA. Bento Gonçalves, 1979-2008.

JORNAL GUIA BENTO. **Estudo aponta soluções para trânsito de Bento Gonçalves.** Disponível em http://bentogoncalves.com.br/default.asp?pagina=noticias.asp&id_Noticia=4837. Acesso em: 10 janeiro 2009.

JORNAL SERRANOSSA. Bento Gonçalves, 2006-2008.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.** Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1975.

PETRONE, M. T. S. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930).** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

ROSSATTO, J. *Et alii.* Uso e cobertura do solo nas áreas de preservação permanente na bacia do arroio Pedrinho, Bento Gonçalves, RS. In: 60ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2008, Campinas. Disponível em <http://www.sbpcnet.org.br/livro/60ra/resumos/resumos/R5114-1.html>. Acessado em 10 janeiro 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: EdUSP, 2008.

SANTOS, M. *Et alii.* **Fim de século e globalização.** 4. ed. São Paulo: Annablume, Hucitec-Anpur.

VERDUM, R. *Et alii.* **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação.** Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.